

Lyra: amargura e decepção

WILSON TEIXEIRA SOARES
Coordenador de Política

Carente da parafernália neo-republicana para amparar sua candidatura de oposição, o deputado Fernando Lyra prossegue hoje, no Rio de Janeiro, sua obra oxigenadora de colocar em xeque a determinação suprapartidária de manter, ainda que inconstitucionalmente, o doutor Ulysses Guimarães frente à presidência da Câmara.

Inferiorizado, carente de estudos constitucionais que evidenciem a flagrante ilegalidade que caracteriza a postulação do presidente do PMDB e da Câmara, Lyra encontra-se com o governador eleito Wellington Moreira Franco na tarefa, quase impossível, de reverter um jogo de cartas marcadas.

Consciente das dificuldades, mas tranqüilo por saber-se em sintonia com as bandeiras mudancistas do PMDB original, Lyra viaja sabendo dos constrangimentos que pesam sobre os governadores e parlamentares recém-eleitos, convocados por Ulysses a desembarcarem em Brasília proximoamente para uma discussão ampla sobre o momento. Fato que funciona como contraponto em relação à possibilidade de seus possíveis eleitores anunciarem os votos.

Apesar de compreender a delicada posição na qual estão encurralados deputados de curta experiência, Fernando Lyra não consegue camuflar sua decepção com o comportamento adotado por alguns

companheiros de partido. Particularmente, o do líder do PMDB e do Governo na Câmara, deputado Pimenta da Veiga, que está incorrendo, em sua análise, em um equívoco da maior seriedade. Por, ao que tudo indica, prosseguir deslumbrado pela vida em establishment.

A decepção do primeiro Ministro da Justiça da Nova República com a opção de Pimenta da Veiga tem, no entanto, raízes profundas. E que antecederam a eleição de Tancredo Neves. Com direito a testemunha: do então secretário-geral do PMDB, o senador Afonso Camargo.

Preocupado ante a possibilidade de Ulysses Guimarães ser derrotado pelo deputado Alencar Furtado no páreo pela presidência da Câmara, Tancredo convocou, em certa manhã de janeiro de 1984, a poucos dias da reunião do Colégio Eleitoral, Fernando Lyra ao seu apartamento. Sem rodeios, afirmou ao então primeiro secretário da Câmara: "Precisamos eleger Ulysses. Já que ele é candidato a presidente, não pode perder a eleição. Se isto acontecer, será a primeira derrota do meu governo".

Carta branca do futuro presidente no bolso do paletó, Lyra traçou sua estratégia em favor de Ulysses. Cooptar o apoio do decisivo grupo do PMDB pró-diretas, que tinha como expoente Pimenta da Veiga, transformando-o em candidato a líder do partido

para, assim, inviabilizar a vitória de Alencar Furtado.

O desfecho da trama é público. Ulysses foi eleito, Pimenta bisou a liderança já na era do Plano Cruzado para, agora, retribuir freudianamente a Lyra. Que, à guisa de auto-consolo, filosofa: "A política cristaliza as nuances do ser humano. E desvenda seu caráter".

Amargurado, Lyra nutre, neste instante, a plena certeza de que Pimenta não está negociando coisa alguma. Apenas aumentando o côro dos alegres, que, sem pestanejar aderem às manobras continuísticas. Até mesmo evitadas à época da República Velha pelo então presidente da Câmara, Nelson Marchezan, que não teve coragem suficiente para valer-se da fórmula inserida no Regimento da Câmara durante o governo Figueiredo à fim de viabilizar sua reeleição ao cargo.

A decepção com o ainda líder do PMDB não é o único fato a preocupar Fernando Lyra. Igual espanto ele dedica ao que rotula de visão míope, capenga, reacionária, da classe política que vê no doutor Ulysses o caminho, a verdade e a fé. Exclusivas. Lúcido, incisivo quanto à realidade de que o presidente do PMDB tem seu peso histórico mas não é insubstituível em função alguma, Lyra não pretende facilitar a vida de quem quer que seja. Por professar a saudável e necessária crença de que contestar é engrandecer o processo político.